

**A SOCIOLINGÜÍSTICA E A SALA DE AULA**

*Danielly Lopes de Lima (UEPB)*

[danillima@hotmail.com](mailto:danillima@hotmail.com)

INTRODUÇÃO

O indivíduo, na sua grande maioria, possui um momento em sua vida que aprende conteúdos formais em um ambiente formal. Este ambiente é a sala de aula. Por ser essencial para a construção de conhecimento institucionalizado, a sala de aula será o palco deste artigo, sob a ótica da Sociolinguística Interacional.

Para desenvolver este artigo, utilizou-se de teóricos que trabalharam com a Sociolinguística Interacional e com o ambiente escolar. Para perceber a dimensão que tem essa perspectiva linguística, apoiou-se em dados concretos retirados de um *corpus* coletado em uma escola pertencente à rede pública estadual de ensino do estado da Paraíba, localizada na periferia da cidade de João Pessoa. As duas turmas observadas e acompanhadas pertenceram ao 2º ano do Ensino Médio.

Este artigo encontra-se dividido em três seções: a primeira corresponde a um breve histórico da Sociolinguística Interacional; a segunda a análise do corpus coletado e; por fim, tecem-se as considerações finais.

***1. Um panorama da sociolinguística interacional***

Durante o período entre 1950 e 1960, ocorreram diversas manifestações no âmbito dos estudos linguísticos. Dois lados eram evidentes neste período: os que defendiam a perspectiva cognitiva, entre eles, Chomsky e; os que acreditavam que a língua deveria ser estudada no seu funcionamento e no uso real em situações reais, o nome dado a este momento é a “virada pragmática”. A partir deste momento, algumas vertentes linguísticas surgiram, entre elas, tem-se: Análise do Discurso, Análise da Conversação, Sociolinguística, Etnografia da Comunicação.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

A vertente da Sociolinguística tem “três premissas básicas: o relativismo cultural; a heterogeneidade linguística inerente e a relação dialética entre forma e função linguísticas” (BORTONI, 2005, p. 114). A partir do que foi exposto por Bortoni, é possível perceber que a primeira premissa, o relativismo cultural, também faz parte do estruturalismo saussuriano. No entanto, as duas outras premissas descritas por Bortoni vão de encontro aos pressupostos da linguística estrutural, como pode ser observado no quadro abaixo.

**Quadro 1:**

### **Igualdades e diferenças entre Estruturalismo Saussuriano e a Sociolinguística**

<b>ESTRUTURALISMO SAUSSURIANO</b>	<b>SOCIOLINGÜÍSTICA</b>
Igualdade essencial e equivalência funcional entre as línguas.	Igualdade essencial e equivalência funcional entre as línguas.
Homogeneidade linguística, variação como fenômeno excepcional, resultado de um contato dialetal.	Heterogeneidade linguística, variação inerente à língua das comunidades de fala.
O foco era a estrutura da língua, a forma linguística isolada.	O foco era a função e/ou uso da língua, a forma linguística no contexto de uso.

O relativismo cultural tem a sua base na linguística estrutural e postula que todas as línguas são iguais, não existindo inferioridade com relação a sua importância e a sua funcionalidade. Para Bortoni (2005, p. 115):

A premissa do relativismo cultural, adotada pela sociolinguística, levou-a a estender a concepção da equivalência, inicialmente restrita à avaliação de diferentes línguas, à avaliação das diversas variedades ou dialetos de uma mesma língua. Rejeitava-se, assim, a noção de dialetos ou variedades inadequados ou inferiores.

No que diz respeito à segunda premissa, a heterogeneidade linguística é inerente à língua de qualquer comunidade de fala, sendo resultado de variações que ocorrem sistematicamente a partir de fatores sociais e linguísticos, que transcorrem naturalmente (LABOV, 1972), contrapondo a ideia de que o sistema linguístico é homogêneo e suas variações são decorrentes de um contato dialetal (linguística estrutural).

A última premissa mostra a diferença dos focos de estudo, pois a linguística estrutural tem como foco a estrutura da língua fora do contexto, o que interessava era a língua em si, sendo uma forma de delimitar e facilitar os estudos. Já a Sociolinguística tem como fo-

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

co a função da língua e/ou seu uso, estudar a língua no contexto em que foi utilizada. E foi este foco da Sociolinguística que nos fez utilizar esta teoria, a importância da linguagem no seu uso concreto, no nosso caso, o uso da linguagem na sala de aula.

Romaine deixa claro o contraste existente entre a linguística estrutural e a Sociolinguística, no que diz respeito à terceira premissa.

O contraste entre linguística propriamente dita e sociolinguística repousa no fato de que a estrutura da língua constitui o tema da linguística, enquanto o uso da língua é deixado para a sociolinguística. Uma teoria sociolinguística, entretanto, pressupõe uma teoria linguística; se é para ser verdadeiramente interativa, deve-se relacionar ambos estrutura e uso (ROMAINE, 1982 *apud* FIGUEROA, 1994, p. 26).

Na década de 50, a sociolinguística, que havia herdado características da dialetologia e da antropologia linguística, estava atingindo a maturidade e compartilhava com as demais ciências sociais a crença no igualitarismo e na promoção social advindos do processo de democratização da escola (BORTONI, 2005).

E nesta mesma época, diante das diversidades linguísticas encontradas nos Estados Unidos e em outras partes do mundo, a exemplo da Grã-Bretanha, os estudos linguísticos se voltaram para a questão da problemática enfrentada pelas crianças que iam para escola aprender uma língua diferente da que usavam em casa ou na rua, nos seus momentos de interação além do âmbito escolar. Os estudos comprovaram que, diante da diferença entre a língua ensinada e a língua usada, as crianças das classes menos favorecidas não tinham um desempenho igual ou superior ao das crianças que tinham acesso à língua ensinada na escola, gerando um desempenho fraco e fazendo com que a sociolinguística tentasse solucionar este problema, através de uma proposta de educação bidialetal.

A proposta de educação bidialetal partiu de um grupo de sociolinguistas estadunidense e correspondia à transformação da língua ensinada na escola na língua utilizada pelos estudantes no dia a dia. Esta mudança consistia na alteração da língua utilizada nos materiais de alfabetização, entre eles, a cartilha. No entanto, esta proposta não obteve o êxito esperado e, logo, os estudos sobre a educação bidialetal enfraqueceram-se (BORTONI, 2005).

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

Diante do insucesso da pedagogia bidialetal, várias críticas foram realizadas no condizente às contribuições dadas pela Sociolinguística para a educação por dois grupos ingleses. Um grupo argumenta que a variação linguística vem sendo apresentada como ordem natural e, para eles, ela deve ser ‘desnaturalizada’, fazem parte deste grupo Norman Fairclough e integrantes da Universidade de Lancaster, que vem desenvolvendo a conscientização da linguística crítica. O segundo grupo defende a existência de três níveis na relação pesquisador – pesquisado: o da ética, da advocacia e da capacitação. Este último grupo tem como liderança Deborah Cameron (BORTONI, 2005).

A partir deste cenário, Hymes (1972) afirma que as dificuldades de compreensão presentes na sala de aula decorrem dessas diferenças culturais presentes no modo de falar e nas normas de interação entre professor e aluno. Essas diferenças podem ocasionar alguns conflitos de caráter étnico, social ou econômico e como consequência destas dificuldades, o aluno pode criar uma resistência com relação à cultura da escola. Estes conflitos interacionais fazem com que Erickson (1987, p. 355) aborde um tipo de pedagogia.

Uma pedagogia culturalmente sensível é um tipo de esforço especial empreendido pela escola, a fim de reduzir os problemas de comunicação entre professores e alunos, de desenvolver a confiança e impedir a gênese de conflito que se move rapidamente para além das dificuldades de comunicação, transformando-se em lutas amargas em troca de identidades negativas entre alguns alunos e seus professores.

A pedagogia do culturalmente sensível foi uma resposta dos sociolinguistas à proposta bidialetal e visava uma aprendizagem voltada para o desenvolvimento de participações sociais, de modos de falar e de rotinas comunicativas pertencentes ao mundo do aluno, facilitando o ensino a partir da proximidade da escola com a realidade vivenciada pelo discente, desenvolvendo-se cognitivamente. Acreditamos que esta relação dos assuntos formais com a realidade dos alunos pode facilitar a aprendizagem, percebemos, em algumas aulas observadas, que quando a professora utilizava uma linguagem mais acessível ou quando a mesma fazia comparações dos assuntos à realidade dos alunos, o assunto parecia fluir mais facilmente. Um dos exemplos foi quando a professora comparou a vírgula presente no texto abordado em sala de aula com uma lombada na rua. Esta comparação facilitou na leitura em voz alta, já que os alunos não presta-

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

vam atenção para a pontuação e a partir deste momento, passaram a dar pausa no momento em que encontravam uma vírgula no texto.

Gumperz tece comentários a cerca do processo histórico da Sociolinguística da década de 1960 até a década de 1990. No princípio, a sociolinguística era um termo que designava uma disciplina que se propunha a explicar os processos linguísticos de mudança e de difusão. Posteriormente, a disciplina era vista como central e voltava-se para tudo que se dizia respeito à comunicação verbal nas sociedades humanas, a partir das formas de influência, das relações de poder e de dominação, do papel da linguagem na formação e perpetuação das instituições sociais e da transmissão cultural (GUMPERZ, 1996).

É neste contexto de transmissão cultural que encontra-se a Sociolinguística Interacional, que é fundamentada na interação humana, delimitando os significados, a ordem e a estrutura e é baseada nos fatores materiais, experienciais e psicológicos. A linguagem é integrante ao contexto em que ocorre; seu foco metodológico é baseado no contexto que os interactantes fazem uso da linguagem, tendo a possibilidade de atribuir os significados e as intenções a partir das pistas de contextualização (FIGUEROA, 1994, p. 13).

A Sociolinguística Interacional tem como objeto de estudo o papel que as estratégias comunicativas possuem na produção e reprodução da identidade social no processo interacional (BORTONI, 2005). Assim como Gumperz, este trabalho também se situa no campo da ação, do conflito, já que buscou compreender como ocorre o processo interativo entre professor e aluno nas aulas de Língua Portuguesa.

### ***2. A sociolinguística interacional e a sala de aula***

Machado (1987) considera o contexto de ensino importante para interação, já que ele pode também norteá-la. A importância desta descrição sobre o contexto é que a partir dele se pode perceber a dificuldade com que a professora enfrenta para ministrar as aulas, refletindo muitas vezes na descontinuidade das discussões em sala de aula e na dispersão por parte dos alunos.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

O contexto de interação nas duas turmas observadas era o seguinte: salas numerosas; alunos inconstantes, demonstrando interesse ou a falta deste nas aulas e; uma professora disposta a ensinar, a disciplinar os alunos e aproximar os alunos da disciplina que ministram ou até mesmo de si, tentando mostrá-los a necessidade de se estudar, assumindo um papel de conselheira, sem deixar de lado o papel de professora, tentando auxiliá-los nas dúvidas e até mesmo se dispondo a elucidá-las em outros momentos além da sala de aula.

Transcrição 1 – Evento: Aula de Português – Tópico: Romantismo	
P	Depois. Ó, então presta atenção! Eu quero que vocês assumam a responsabilidade de vocês terem... por favor, nunca mais aconteça isso com os trabalhos. Vocês sabem que quarta-feira é dia de tirar dúvida, se por acaso vocês não tenham ou se moram em outro bairro e não tenham passagem pra vir, eu fico aqui após a aula, num termina de quinze pra meio dia? De quinze pra meio dia até meio-dia eu fico tirando dúvida e quando for pra casa, não pára na lan house não, vá trabalhar com o grupo, tem que ter compromisso, ter capacidade de refletir, não adianta fazer tudo sozinho, tem que ser a equipe,
35	tem que refletir e discutir.
40	

Assim como a professora assume o seu papel dentro da sala de aula, os alunos também o assumem, só que em alguns casos o papel assumido pelo aluno não é o esperado. Por ser um meio em que a diversidade se concentra e a todo momento entra em contato, fica claro que a personalidade de cada um transparece no meio escolar, isso foi observado quando percebemos que as turmas são subdivididas em grupos, aquele grupo que fala mais, é mais espontâneo, que brinca mais durante a aula; aquele que é mais aplicado, presta atenção à aula, responde aos questionamentos da professora e; aquele que não participa das interações, não fala com o professor e sempre fica calado quando a turma discute sobre o assunto exposto, porém, estes alunos geralmente conversam com os colegas que se sentam próximos a eles.

O primeiro grupo é visto como o grupo dos “bagunceiros”, que estão na sala de aula pra perturbar e, portanto, merece apenas as repreensões. O segundo grupo é aquele para quem o professor mais dedica atenção e a quem mais ouve, já que são os “esforçados” ou os que querem algo da vida. E o terceiro grupo é aquele dos “desinteressados” ou ainda dos tímidos, que podem ou não querer algo com os estudos, mas isso será identificado após as primeiras avaliações. Estas conclusões sobre quem merece ou não mais atenção podem ser

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

perigosas, mas infelizmente acontecem e podem ser vistas nas práticas docentes.

Neste trabalho, acredita-se que aqueles que são considerados como “bagunceiros” precisam de mais atenção, não para repreender, mas para tentar fazer com que se interessem pela disciplina, pela aula. Aos “esforçados” deve-se reconhecer o interesse sem, portanto, dar demasiada importância. Aos possíveis “desinteressados”, é interessante fazer com que se sintam à vontade e que compreendam a importância dos seus conhecimentos e das suas opiniões. Esse seria um meio de lidar com as diferenças tratando de uma forma igualitária, sem discriminações.

Apesar das ideias expostas acima, existem barreiras que ainda devem ser quebradas, entre elas, a timidez que alguns alunos têm quando se trata de falar perante os demais. Esta timidez, muitas vezes, é gerada pela insegurança do que será dito, acarretando um constrangimento e um receio de errar. Isto pode ser visto no trecho abaixo.

Transcrição 2 – Evento: Aula de Português – Tópico: Dia Internacional da Mulher	
A3:	eu acho que a gente fez errado viu?
A4:	por que?
A3:	essa figura aí desse homem não era pra botar não, é sobre mulher e não sobre homem, vai falar o que disso?
A4:	não sei, a gente tira agora....
A5:	não, é só a gente não falar
A3:	eu não vou não, pra falar besteira lá na frente e a professora dizer que tá errado?vou não

Estas três alunas demonstraram preocupação tanto em não saber o que a professora havia pedido para fazer quanto pelo receio de falar em público. Assim como elas, outros alunos não apresentaram o trabalho, apenas três grupos participaram da atividade, o restante por não ter feito ou por receio achou melhor não apresentar, alguns ainda resolveram entregar apenas o trabalho escrito.

Quando os alunos eram os detentores do turno, percebeu-se certo desconforto por parte dos alunos, isso pode ser evidenciado pela voz baixa, pelo gaguejo, pelas mãos trêmulas e por direcionarem os seus olhares apenas para a professora. Estas demonstrações são características da timidez, proveniente muitas vezes do próprio jeito do aluno como também da situação em falar em público, principal-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

mente quando ocorre diante de um avaliador, neste caso, da professora.

### **3. Considerações finais**

A Sociolinguística Interacional tem um papel fundamental dentro do contexto da sala de aula, visto que para que o processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos formais dê-se de forma satisfatória é necessário que haja uma interação ideal entre professor e aluno.

Percebeu-se, a partir das observações realizadas, que a interação que existe entre professor e aluno na sala de aula de Língua Portuguesa é delineada constantemente, sendo um processo contínuo.

Além disto, constatou-se que, quando existe uma aproximação dos conteúdos formais com a realidade, os estudantes ficam mais interessados, percebem a importância que aquele assunto ou até mesmo toda a disciplina tem para ele. O importante é que, através da interação e da cooperação, professor e aluno cheguem juntos ao objetivo principal que a escola tem: ampliar os conhecimentos dos conteúdos formais dos alunos, a partir do processo de ensino-aprendizagem, tornando-os capazes de realizar independentemente as atividades que antes exercia com o auxílio do professor.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora?: sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola, 2005.

ERICKSON, F. Transformation and School Success: the Politics and Culture of Educational Achievement. *Anthropology & Education Quarterly*. Vol. 18, n. 4, p. 335-56, 1987.

FIGUEROA, E. *Sociolinguistics Methateory*. New York: Pergamon, 1994.

GUMPERZ, J. J. El significado de la diversidad lingüística y cultural em un contexto post-moderno. **In:** UMÑOZ, H. & LEWIN, P. F. (Orgs.). *Investigaciones lingüísticas 2*. Ciudad del México: UAM/ INAH, 1996, p. 33-47.



***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04***

HYMES, D. Introduction. **In:** CAZDEN, C., JOHN, V. & HYMES, D. (Orgs.). *Functions of Language in the Classroom*. New York: Teachers College, 1972.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.